

Perdas Profundas

O nome das ausências

O texto 5 não foi batizado por mim.

Seu nome foi dado por outra.

Explico.

Numa tarde de quarta-feira, na garagem do prédio, fui parada por uma pessoa muito querida.

Uma mulher daquelas que levantam outras mulheres, meu tipo favorito de gente.

Ela, contemporânea a mim, veio elogiar o Instagram.

Agradei e compartilhei sobre o projeto dos escritos.

Ela sorriu, arqueou as sobrancelhas e disparou:

— Mulher, escreve sobre perdas profundas.

E assim nasceu o título deste quinto texto.

Tenho o hábito de escrever primeiro à mão, em folhas de papel, para só depois levar as palavras ao computador.

Quando uma ideia surge, registro o tema no telefone para desenvolvê-lo mais tarde.

Curiosamente, esse assunto já estava lá.

Acabou pulando na frente.

Talvez pela provocação dela.

Talvez pelo fluxo natural da vida, sempre mutável e dinâmica.

Vamos a ele.

Aqui me dedicarei às perdas de entes queridos, aos processos concretos de morte.

Mas existem muitas outras formas de perda.

A morte de um tipo de relação, de uma parceria profissional, de um projeto pessoal, de uma versão de nós mesmos.

Assisti a uma entrevista de Fernanda Montenegro em que falava sobre o envelhecimento, seus prós e contras.

Entre os aspectos mais difíceis, ela mencionava as mortes.

Dizia que, quanto mais anos vivemos, mais partidas acompanhamos.

Senti-me tocada.

Achei triste e bonito ao mesmo tempo.

Recentemente li dois livros atravessados por esse tema: *Manga Verde com Sal*, presente de um amigo muito querido, e *A Morte é um Dia que Vale a Pena Viver*. Ambos abordam a morte sem romantizá-la, mas também sem afastá-la da vida. Com a naturalidade que ela merece.

Costumo dizer que não é muito comum alguém procurar uma psicóloga para dizer:

— Débora, marquei esta consulta para falar sobre o quanto minha vida está maravilhosa.

A bem da verdade, já ouvi muita coisa ao longo dos anos.

Essa, nunca.

Entre os assuntos que chegam ao consultório, a morte certamente ocupa lugar de destaque.

A morte do outro.

A própria morte.

O medo dela.

O luto que ela deixa.

Existe, porém, uma experiência de perda que sempre me chama especial atenção: a morte de um filho.

Mesmo quando o fato aconteceu há quarenta anos e alguma demência já se faz presente, ao ser narrado, ele continua fresco na memória.

Há filhos que se vão sem sequer chegar.

Ainda no ventre.

Um, dois, três, quatro, cinco.

Escorrem entre as pernas e deixam marcas que nem sempre o mundo reconhece.

Outros partem ainda crianças, por acidentes, doenças ou durante o sono.

Outros se vão moços, adultos.

Alguns parecem buscá-la ativamente, através da direção perigosa, do abuso de substâncias ou de escolhas que colocam a própria vida em risco.

As causas são muitas.

A dor, uma só.

Precisamos de um respiro

A parte 2 veio como pausa.

Soltemos o ar que estava preso nos pulmões.

O assunto é indigesto.

De tão indigesto, muitas vezes, quando compartilhado comigo, volto para casa mais silenciosa.

Minha digestão psíquica necessita de silêncio.

Acredito que a primeira experiência que acompanhei de um filho que se foi remonte aos meus nove anos.

A psicologia ainda não fazia parte da minha vida.

Ou será que já fazia?

Talvez não como profissão, mas como modo de olhar para os fenômenos humanos.

Não sei.

Era 1994.

Verão gaúcho.

Dias longos.

Sou do tempo em que brincar na calçada era possível.

A turma da rua se reunia depois da escola e permanecia junta até o início da noite.

Só parávamos quando as mães gritavam da janela ou do portão:

— Anoiteceu! Entra já!

Sempre parecia pouco.

Mas, naquela época, ninguém ousava negociar mais cinco minutos.

Resignados, famintos e imundos, entrávamos em casa torcendo para que o dia seguinte chegasse depressa.

Num desses dias aparentemente comuns — e a vida tem o hábito de esconder acontecimentos extraordinários dentro dos dias comuns — uma coordenadora entrou na sala de aula.

Lembro dos olhos arregalados.

Pareciam os de alguém que havia acabado de receber uma notícia assustadora.

Ela perguntou se alguém conhecia um menino com determinadas características.

Levantei a mão.

Eu o conhecia.

Era meu amigo.

O Gurizinho da bicicleta azul

Assim como eu, ele tinha nove anos.

Mas seu contexto de vida era diferente do meu.

Sua mãe, ainda jovem, havia adoecido gravemente e ficado com importantes limitações físicas.

Desde então, ele assumira tarefas de gente grande.

Era quem buscava remédios, fazia pequenas compras, pedia ajuda quando necessário.

Sempre na bicicleta azul.

Naquele dia comum — que depois descobri não ter nada de comum — não foi minha mãe quem me buscou na escola.

Voltei para casa de carona com uma colega.

O pai dela costumava ser divertido.

Mas, naquele dia, não estava assim.

Parecia carregar um tijolo na garganta.

Quando cheguei em casa, minha mãe parecia ter acabado de chegar também. Ainda carregava a bolsa.

Ela me olhou com os olhos marejados, caminhou na minha direção e me abraçou.

Já chorava. Um choro contido.

O abraço era bom, mas diferente.

Parecia que ela queria me colocar de volta para dentro dela.

Foi assim, entre lágrimas e abraço, que me contou o que havia acontecido naquela manhã.

Meu amigo havia saído para buscar remédios para a mãe, na bicicleta azul, e sofrera um acidente.

Como tinha um problema cardíaco de nascença, seu coraçãozinho não resistiu até a chegada ao hospital.

Minha mãe e uma vizinha reconheceram seu corpinho no necrotério.

Era ele.

Quiséramos nós que não fosse.

Logo depois ouvimos gritos vindos da rua.

Corremos para a frente de casa.

O pai do menino havia chegado e estava dando a notícia para a esposa.

Lembro do impacto que aquilo causou em mim.

Ela urrava.

Não parecia gente.

Na tentativa infantil de compreender o que via, pensei em um animal ferido.

Minha mente não possuía registro de nada semelhante.

A imagem de um bicho machucado foi a coisa mais próxima que encontrei para dar sentido àquela dor.

Não fui ao sepultamento.

Minha mãe disse que a lembrança que eu deveria guardar era a da noite anterior.

As brincadeiras.

As risadas.

As danações.

A despedida sem saber que era despedida.

Depois da despedida

Lembro pouco de ter ido à escola no dia seguinte ao sepultamento.

Mas lembro daquela tarde.

Sem pensar conscientemente sobre a nova realidade, fui para o quintal no horário em que costumava ir.

Sentei no gramado e esperei o ônibus dele chegar.

Eu o via chegando todos os dias.

Naquele dia, ele não chegou.

Fiquei ali por mais algum tempo.

As peças não se encaixavam.

Minha mãe veio até mim, passou o braço pelos meus ombros, disse algo que não recordo e me levou para dentro de casa.

Depois de um tempo, voltei a brincar na calçada.

Mas nunca mais foi igual.

Mais de três décadas depois, quando falamos sobre o guri da bicicleta azul, meu pai ainda chora.

A família mudou de bairro logo após o ocorrido.

Nunca mais os vi.

Nunca mais tive notícias.

Mas não consigo deixar de pensar naquela mãe e na cena que testemunhei.

Quando recebo pais e mães enlutados no consultório, ainda escuto os urros daquela vizinha da minha infância.

Como já mencionei, a morte costuma estar presente na clínica.

E sempre gosto de lembrar de uma palestra sobre tanatologia, o estudo da morte.

O palestrante, que atuava em cuidados paliativos, defendia uma ideia que me marcou profundamente.

Aprendemos a considerar a saúde como o bem mais importante.

Mas existem situações em que ela já não será mais possível.

Nessas circunstâncias, dizia ele, a paz se torna essencial.

Gostei muito dessa reflexão.

Desde então, passei a desejar muita paz às pessoas que amo.

Por fim, gosto de pensar que aqueles que partiram antes de nós permanecem vivos de muitas formas: no que nos ensinaram, nos momentos compartilhados, na afetividade trocada e nas memórias que seguimos carregando.

O menino da bicicleta azul continua vivo em mim.

Talvez porque algumas pessoas partam cedo demais.

Talvez porque algumas histórias nunca terminem completamente.

Ou talvez porque o amor, quando verdadeiramente vivido, encontre maneiras de permanecer.

Despeço-me desejando que aqueles que enfrentam a dor de uma perda encontrem o acolhimento necessário para atravessar o luto.

E que, enquanto estamos aqui, possamos reconhecer a beleza dos encontros, a preciosidade dos vínculos e a delicada fugacidade da vida.